

Vidas tardias



Brandon Taylor

F • S • F • R •

BRANDON TAYLOR

Vidas tardias

Tradução do inglês por

FLORESTA

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Vidas tardias

Animais do campo

Ivan, o Terrível, e seu filho Ivan

Os reis da Noruega

Cabeça de Górgona

Sentemo-nos no chão

Sussex, Essex, Wessex, Nortúmbria

Economias locais

Altruísmo, empatia, paixão e dor

AGRADECIMENTOS

SOBRE O AUTOR

*Você sabe como receberia um deus.
E se fosse
uma porção da carne dele? E se você
estivesse terrivelmente faminto?*

Derrick Austin

Vidas tardias

Na sala de seminários, alunos da pós-graduação estão sentados em cadeiras dobráveis de plástico: sete mulheres, dois homens. Inocentes o bastante para acreditar na força transformadora da poesia, mas cínicos o suficiente nos momentos mais sombrios para considerá-la um chamado pseudoespiritual, alguma coisa parecida com a aflição dos televangelistas.

Lá fora, o último dia azul de outubro. Previsão de neve.

Eles discutem “Andrômeda e Perseu”, um poema apresentado por Beth, que inverteu o título do quadro de Ticiano para pôr o sofrimento de Andrômeda no centro, no lugar do heroísmo de Perseu — estuprador, assassino, destruidor de mulheres.

“A captura é brutal como o cativo”, diz a menina atarracada de Montana.

O poema ocupa quinze páginas de espaçamento simples e contém, entre outras coisas, a descrição vívida de uma transa no período menstrual, com o sangue coagulando em um edredom cinza. O sangue é chamado de “a marca da Górgona”, como correspondência à “mancha de ferro” que sujou as vestes de Medusa depois de ser decapitada por Perseu.

Todos acompanham, absorvendo o sistema de imagens alusivo e a densidade narrativa do poema, o calor emocional do tema, a crescente

relevância cultural ref: mulheres, ref: trauma, ref: corpos, ref: vida no fim do mundo.

“Adorei a improvisação gestual dos versos, é muito Joan Mitchell”, diz Helen, que antes era uma criança mórmon noiva de alguém em um subúrbio de Denver, e agora mora em cima de um bar no centro de Iowa City e escreve poemas sobre crianças moribundas e piolhos pubianos.

“Eu achei, tipo, muito afiado, que nem gilete. Dá pra cortar o dedo de alguém, sabe? Deus.” Noli, dezenove anos, criança prodígio. Uma decepção para os pais. Poesia em vez de, sei lá, medicina, a cura do câncer?

“Total. Mas muito cru também. Muito visceral.”

“E bem intenso...”, Mika, vinte e oito anos, a personificação de Stevie Nicks na franja, nas botas e nas transparências cheias de babados.

“... carregado, tenso pra cacete...”, Noli mais uma vez, tão participativa hoje. Muito falante.

“Voz, voz, voz.” Aqui, Linda, uma mulher negra de Tulsa. Tranças. Pele brilhante, perfeita. Depois de frequentar a Universidade do Texas em Austin, foi fazer um doutorado em física no MIT, que não se sabe se concluiu ou largou. De qualquer forma, cá está ela em Iowa como todos os outros. Há alguma tensão entre ela e Noli, também negra, também muito inteligente. Nada de sororidade. Uma exclusão mútua bem intensa.

“Até que enfim um lance *real*”, Noli diz. O olhar de Linda fica mais penetrante. “Mas totalmente preciso. Tipo, nada daquela merda de *slam*. Só voz.”

“Eu queria isso nas minhas veias. Foda”, Helen diz.

O eflúvio de elogios envolve Beth, que recebe os aplausos com um brilho sereno. O professor, nunca exatamente na disputa pelo Pulitzer, mas também nunca *fora* dela por completo, assente devagar, presidindo sobre os alunos como um maldito pastor da juventude.

Ou assim Seamus imaginou, cochilando meio distraído. Então, voltando a si mesmo, para a sala, fazendo-se presente, ele de fato *olhou*. Os lábios de Beth em uma linha fina, as sobrancelhas em vincos profundos. Triste apesar dos elogios, quando os elogios pareciam ser o objetivo dos poemas que escreviam. Ganhar um tapinha nas costas. Receber aplausos. Serem transformados em santos e mártires modernos.

Curioso, muito curioso, pensou Seamus, que uma pessoa, ao ganhar aquilo que mais queria, possa parecer tão infeliz.

Vitrais em forma de trapézio cobriam a parte superior da parede. O lugar era todo elegante, com vigas de madeira escura e janelas altas, criando um efeito de celeiro. A luz de um sol de começo de tarde se acumulava no piso riscado, com caixas fechadas de livros de ex-alunos do curso de escrita que alcançaram sucesso mediano.

A pátina do prestígio, como a cera desgastada das tábuas do piso, já tinha visto dias melhores. Este era o lance do prestígio — quanto mais velho e mais comido pelas traças, mais valioso. Existia certo tipo de poeta para quem o prestígio era o objetivo. A poesia *em si* era o prestígio. E, como poeta, se você não era visto escrevendo um poema, isso significava que você não era um poeta *de verdade*. Para esses poetas, o seminário era o ponto alto da vida de artista. Nunca mais eles teriam, semanalmente, uma atenção tão grande direcionada para a performance poética deles.

“Esse poema perturba muito as noções de confiabilidade. Porque, tipo, quem tem mais autoridade sobre uma experiência do que a pessoa que está vivendo a experiência, certo? Mas, tipo, as inconsistências na narrativa fazem a gente perguntar se a verdade não seria realmente um palimpsesto de falsidades, e...”, Helen mais uma vez, agora interrompida por Garza, metade tunisiana, metade quebequense, mas criada em Toronto e Oakland.

“Total. Bem no estilo Vicuña em *Spit Temple...*”

“Eu prefiro a abordagem de Moraga sobre a história pessoal, e como preenchemos lacunas nos arquivos com...”, Noreen, de West Virginia, com um leve sotaque que talvez seja falso — curiosamente ausente quando ela estava bêbada —, cortando a resposta de Garza.

“Hartman diz que os arquivos são construídos como...”, Noli, também interrompendo.

Essas diversas interrupções e supressões, todas as desavenças e desorientações. Como um cachorro finalmente alcançando o rabo e o mastigando até a cartilagem. Seamus olhou para a direita, para Oliver, que ouvia atento com um semblante satisfeito e receptivo. Como, Seamus se perguntou, Oliver podia levar aquilo tão a sério, enquanto aquelas pessoas não paravam de falar sobre a violência do arquivo, de Cherríe Moraga e de Cecilia Vicuña, cujas obras não tinham nada a ver com o poema em questão. Aquilo não era poesia. Era a imitação da poesia em busca de validação. Era um outro tipo de poesia teatral: se você falasse uma quantidade suficiente de nomes, as pessoas pensariam que você sabe do que estava falando e tenderiam a atribuir as imprecisões das referências à própria ignorância delas. Mas Seamus já tinha lido Moraga e Vicuña. Tinha lido os ensaios críticos de Saidiya Hartman — antes da MacArthur, *bien sûr* — e os ensaios críticos em

resposta ao trabalho de Hartman. Ele sabia que os Estados Unidos eram uma guerra de arquivos contraditórios. Histórias diferentes com suas turbulências particulares.

Teria sido mais fácil para aquelas poetas dizer que às vezes você mente, às vezes você se engana e às vezes sua verdade mudou no curso da narrativa. Que às vezes o trauma reconfigura a relação com a verdade e com o próprio aparato narrativo. Mas não, elas seguem criando significados. Amarrando ideias ruins a nomes reconhecidos e esperando que alguém as chamem de espertas, afiadas, radicais e corretas, que alguém as chamem de poetas, pensadoras, mentes brilhantes, mesmo que não passem de crianças.

“E a parte do sangue no lençol! Cara!”, Noli disse. “Fantástico. Inegável.”

Seamus voltou ao poema até chegar no verso sobre a marca da Górgona, cuja vivacidade venérea o surpreendeu. Tinha a vibe de um detalhe *possível* de ser encontrado em um bom poema. Tipo uma coisa saída de O’Hara pelo caminho de Kooser.

Mas, relendo o verso, Seamus achou graça. Que tipo de pessoa, que tipo de inteligência de organização poética, ao ver sangue de menstruação no lençol depois de um sexo meia-boca, teria pensado na decapitação da Medusa? Muito engraçado. Não o sangue em si, mas a conexão pretenciosa. *Aí* estava a compulsão. A transubstanciação da coisa real em algo tão carregado de sentido que ela desmoronava sobre si mesma. O tudo virava uma piada. Esse tipo de poema costumava aparecer nos seminários: histórias pessoais transformadas em um sistema de gestos vagos porque falharam em registrar um entendimento genuíno ou sentimentos reais em relação às grandes

obras as quais se direcionavam. Autoenganos disfarçados de confissões.

Seamus riu sozinho.

O professor, um homem baixo e desagradável com os cabelos brancos espetados, olhou para ele. Pausa.

“Algo a acrescentar, Seamus?” Então, todo mundo olhou para ele. Seamus sabia que essa era uma forma de chamar atenção. Era a única característica carismática que tinha, mas fugia ao controle dele. Sim, ele podia ter se esforçado mais. Isso também era uma performance, a qual ele considerava moralmente aceitável porque *sabia* que era uma performance. Ele não fingia que era poesia.

Seamus mexeu nos papéis por um momento e depois, rindo, disse: “Então, tipo, a boceta dela é uma cabeça de Górgona? Um lance meio Trump?”.

Um pequeno truque de mágica: silêncio, o apagão da raiva delas. E, aos poucos, a luz voltando. Incômodo. Irritação.

“Acho que tem mais a ver com o fato de vivermos em um mundo que transformou o corpo da mulher em objeto de repulsa e dor... e como nosso prazer não é nosso de verdade? Acho que precisamos honrar isso”, disse Ingrid Lundstrom.

Ingrid foi da turma dele na Universidade Brown. No segundo ano, ela conseguiu ser publicada na *New Yorker* com um poema abertamente autobiográfico sobre a conversão do pai ao cristianismo evangélico e a subsequente autoimolação dele. Ela fazia parte de uma classe de poeta cujo trabalho falava principalmente de si mesmo, como se tudo o que tivesse acontecido na história da humanidade não fosse tão importante quanto o relato levemente irritante da primeira vez em

que ela usou um absorvente interno. Seamus achava os poemas dela covardes, bonitos e desonestos por completo.

“Sim, mas, tipo, a xota dela está toda suja de sangue da Medusa. Eu estou sendo obtuso? Estou perdendo a alusão?”

Oliver tentou interceder, rindo. “Capacidade negativa, né?”, ele disse.

O professor disse: “Estamos aqui para testemunhar o poema”.

Seamus bufou. Ingrid respondeu secamente: “Eu só acho que é importante a gente lembrar que a narradora do poema sem dúvida carrega um legado de violência, e essa ambivalência em relação ao desejo/corpo/amor/querer é válida”.

Testemunhar, legado de violência e válida: esses termos fizeram o seminário parecer menos um exercício intelectual e criativo e mais um tribunal de crimes de guerra. Seamus odiava tanto aquilo — não por acreditar que o trauma era falso, mas por achar que o trauma não tinha necessariamente alguma coisa a ver com poesia.

“Você é poeta ou assistente social?”, Seamus perguntou.

“Que merda você acabou de dizer?”

Uma piedade tão devastadora, uma fúria tão justa. Seamus se deleitou com o rosto de Ingrid se desfazendo.

“Não são palavras genericadas — a menos que você ache que são. Isso sim seria sexista.”

Ingrid levantou e lançou um olhar penetrante e desdenhoso para Seamus. Então ela foi até a pia no fundo da sala encher a chaleira elétrica.

“Parece criança”, Helen disse em voz baixa.

Seamus fez uma cena franzindo o rosto e esfregando os olhos. E fez bico.

“Estamos desviando do assunto aqui”, o professor disse. Ele olhava diretamente para as vigas expostas, como se esperasse um sinal divino.

“São elas que estão distribuindo ofensas. Meus comentários foram textuais”, Seamus disse. Enquanto isso, Beth encarava o caderno e rabiscava furiosamente até preencher de tinta preta o canto de uma página. Seamus se inclinou para a frente, os cotovelos nos joelhos, vendo o pulso dela torcer para a frente e para trás.

“Desnecessário.”

“Idiota.”

Um coro de opróbrios. Como as bruxas em *Macbeth*, mas menos divertido. Uma alegria menos ridícula.

“Os insultos de vocês me deram gatilhos”, Seamus disse. “Me fizeram lembrar da minha infância sofrida. Por favor, parem.”

Ingrid pôs a chaleira na base e apertou o botão. A chaleira chiou, ganhando vida.

“O poema”, disse o professor. “O poema é tudo.”

“Vai tomar um ar, campeão”, Oliver disse, pondo a mão na nuca de Seamus.

“Boa, meu chapa”, Seamus disse, mostrando os dentes. Oliver só balançou a cabeça. Mas Seamus não conseguia parar. Ele sentia a saciedade da atenção deles. O doce gosto metálico. E estava sedento por mais. Os olhares, a raiva, a irritação. Todos tão seguros de si. De seus lugares.

“Acho que um ar fresco vai fazer bem pra todo mundo”, o professor disse. “Voltamos semana que vem. Vocês estão dispensados.”

Ah, que sem graça. Totalmente sem graça. Que injusto. Seamus resmungou enquanto levantava. Oliver o seguiu. O restante

permaneceu em seu lugar, compondo vários cenários de espera. Cochichando, trocando cadernos e olhares sérios. Seamus se perguntou se apenas ele e Oliver estavam sendo dispensados como crianças bagunceiras, enquanto as outras esperavam que um segundo seminário, secreto — a verdadeira aula —, começasse. Seamus ficou alguns segundos ali, mas então sentiu a mão de Oliver em seu braço, puxando-o.

Certo, o.k., ele pensou. Tudo bem.

“Boa ioga pra você”, Seamus disse por cima do ombro, e Noli respondeu: “Boa dor de barriga pra você”.

Os dois estavam na ponte, Seamus e Oliver.

Seamus odiava isso, mas não conseguia resistir à compulsão de ficar remoendo o seminário. Era a mesma história toda semana, sério: fulana de tal disse isso, fulana de tal disse aquilo, dá para *acreditar*? Que pergunta estúpida. A opinião morreu com o surgimento do contemporâneo, do instante. A opinião era uma daquelas ressacas de alguma outra era, apenas uma sombra da história. Mas eles eram servos das opiniões. Eram poetas, afinal.

“Eu odeio quando as pessoas dão o título de um quadro pra um poema. A éfrase já era, cara. Essa merda é só pra chamar atenção.”

“É, acho que sim. Uma bobagem intelectual e tal.”

“É o que você faz quando sabe que o seu trabalho é ruim. Deixar as coisas explícitas tem mesmo que substituir a profundidade? Sei lá.”

“Elas estão se enganando.”

“Total.”

“Uma merda abstrata.”

“É.”

Sob os pés da ponte oscilante, a água verde e lenta. Os espinheiros e a lama escura das margens, a grama dourada. As bochechas coradas de Oliver e o perfume de seu tabaco solto. O olhar dele é quase insuportavelmente terno.

Não foi a primeira vez que Seamus imaginou o rosto de Oliver ficando grotesco de tanta dor. A boca retorcida de sofrimento, bela como aquelas primeiras esculturas toscas de Cristo, o sofrimento e a beleza, sendo um e o mesmo. Seamus desviou o olhar de Oliver, observando o parque industrial e suas longas presas de vapor. Os carros na ponte perto da biblioteca passavam lentos.

“Mas foi bom ter saído cedo”, Oliver disse.

Seamus assentiu, mesmo que, para ele, a dispensa tenha sido irritante. O seminário podia ir até às seis ou terminar às quatro. Essa variação o impedia de trabalhar nesses dias. Seria constrangedor demais tentar explicar para o chefe do turno por que ele precisava de flexibilidade no horário de chegada, então ele só deixou o dia livre. Mas agora, com aquela aula que mal tinha durado uma hora, ele tinha quase a tarde toda disponível.

“‘Bom’ é uma forma de dizer. Se você não precisa trabalhar pra viver.”

Oliver riu.

“Qual é a graça?”

“A forma como você disse. *Trabalhar pra viver*. É quase pretensioso. Você não tinha acabado de criticar a falsa piedade?”

“É falsa piedade se sustentar?”, Seamus perguntou, entre a ironia e a sinceridade. Oliver riu de novo. “Que merda, qual é a graça? Nem todo mundo tem dinheiro. Ou pais. Algumas pessoas realmente têm que se sustentar.”

“A fúria liberta do homem branco trabalhador, que medo”, Oliver disse. Agora ele estava morrendo de rir de verdade, e Seamus sentiu um nó apertado no fundo da garganta. Ele sentiu vontade de empurrar Oliver no rio.

“Você está na linha de frente”, Seamus disse.

“Já estou em paz com isso.”

“Eu sei que você está brincando, mas é um lance horrível. Claro, eu posso ser um idiota, que seja, mas eu me importo com essa merda. Tipo, a poesia importa pra mim. E eu fico puto sentado naquela sala toda semana enquanto elas ficam trançando os pelos da boceta uma da outra, falando de trauma ou o que seja. Quando eu poderia estar pegando um turno. Pagando meu aluguel. Trabalhando. Como gente normal. Pra eu poder escrever meus poemas. Isso elas *ignoram*. Porque não é como se alguém fosse importuná-las neste minuto. É tudo mentira”, ele grunhiu.

“Ei, eu estou do seu lado. Você sabe que eu curto muito o seu trabalho”, Oliver disse.

Seamus deu de ombros.

“Terapia em grupo.” Seamus mordeu o canto do dedão, roendo um pedacinho translúcido de pele morta. Então, como uma moeda no fundo de um poço, bem lá no fundo de sua raiva, uma ideia brilhou.

“Sabe o que eu devia fazer?”

“Ficar bêbado? Esse é o meu plano”, Oliver disse.

“Eu devia escrever um poema chamado ‘Cabeça de Górgona’ só pra ver aquelas reprimidas doidinhas.”

“Escreve”, Oliver disse, inclinando-se sobre o gradil. O vento, áspero e frio, passou pelos cabelos dele.

Mais uma vez, o contorno de uma imagem tão poderosa quanto uma premonição: o rosto de Oliver definhando e teso de agonia.

“Eu deveria, né?”

“Você seria expulso. Tá maluco ou o quê?”

“Mas é engraçado, não é? Ah, cara!” Seamus bateu no ombro de Oliver com as costas da mão. “É engraçado!”

Oliver mirou a extensão do rio. Três prédios modernistas acachapados nas margens como um bando de mamíferos pastando. A ponte era cravejada de bandeiras de cada país representado no corpo estudantil. Elas estalavam ao vento. Oliver se afastou do gradil. Seamus o seguiu. A ponte pulsava suave abaixo deles, quase viva.

“Você não gostou da ideia? Achou idiota?”

“Não”, Oliver disse. “Mas vale a pena? Tipo, pra quê?”

“Porque é engraçado!”, Seamus agarrou os ombros de Oliver e o balançou com força.

Oliver recuou e Seamus ficou triste, então irritado.

“Acha que eu vou machucar você?”

“Não. Mas as pessoas têm sentimentos, Seamus. Acho que você esquece disso às vezes. Ou você acha que pode zoar com eles. Mas as pessoas têm sentimentos, e tudo bem.”

“Eu feri seus sentimentos? Não sacudi você tão forte assim.”

“Os *meus* não.”

Na trilha do rio, eles passaram pelas galerias modernistas, que abrigavam várias exposições e eventos. No outono passado, Seamus e Oliver foram a uma palestra sobre raça e a poesia de John Berryman em uma delas. Algumas de suas colegas de classe também tinham ido — Garza, Linda, Ingrid. Durante a fala, a palestrante, que era branca, usou a palavra *nigger* quando citou uma fonte. Parece que a palavra

saiu sem ela se dar conta, mas a sala percebeu e ficou fria, então esquentou. Seamus sentiu um frisson de deleite. Até aquele ponto, a palestra tinha sido um tédio, principalmente porque ele concordava com tudo — o racismo é ruim, a poesia de Berryman é boa, mas também ruim em relação à raça. Pessoas brancas falando sobre racismo surtia o mesmo efeito enfadonho de assistir a um noticiário. Mas aquilo se transformou em *teatro*. Depois, as pessoas passaram dias recontando e reconfigurando o incidente. Linda acabou aparecendo no jornal local descrevendo a violência que sofreu durante a fala, e a palestrante foi posta de licença do departamento de literatura e então demitida do cargo na primavera. Ela cometeu o erro de escrever um longo artigo sobre isso para o *Guardian*, que foi compartilhado e ridicularizado por Linda no Twitter. A coisa virou uma confusão feia nos blogs e no Instagram, e agora Linda tinha o selo de verificada nas redes sociais, e a palestrante se tornou colunista convidada do *New York Times*, escrevendo sobre a cultura do cancelamento, que não é uma coisa real, mas às vezes acaba sendo um pouco.

Então, passou a haver uma hostilidade em relação à vida pública. Ou talvez essa hostilidade sempre tenha existido, e o novo fosse simplesmente o direcionamento para pessoas há muito excluídas. Seamus pensou que a coisa toda tinha o drama absurdo de uma boa peça. Todos os mal-entendidos e as falas inapropriadas shakespearianas, tudo se duplicando nas extremidades e nas consequências até romper em alguma coisa realmente catártica. Mas não houve catarse nenhuma. Só as pessoas se tornando cada vez mais verdadeiras caricaturas de seus papéis.

Mas Linda tinha razão. A palestrante *tinha* quebrado o contrato social quando proferiu aquela palavra em voz alta, e, como vem sendo a regra desde os princípios da própria sociedade, a quebra desse contrato, dizer o que não deveria ser dito, sair do roteiro, tinha um preço.

Eles caminharam em silêncio, mas Seamus ainda podia ouvir a agitação das bandeiras na ponte. O céu era um azul profundo, tranquilo. O sol esquentava seu rosto.

“Eu só não quero você metido em nada. Isso distrai a gente da escrita”, Oliver disse.

“Mas é engraçado, não é? Tipo, fala sério, você tem que rir. É insano não rir.” Seamus odiava a melancolia da própria voz, a forma como ele precisava do apoio de Oliver. Porém, mais do que isso, ele odiava o fato de Oliver não ver o quão claramente hilário seria escrever um poema que expusesse a falsidade que dominava o curso e o discurso delas, e toda a farsa da arte estadunidense.

Oliver suspirou. “Sim, seria engraçado você escrever um poema com o título ‘Cabeça de Górgona’ e fazer todo mundo ler. E, sim, eu daria risada. Mas o poema dela é muito pessoal. É sobre a vida dela. E isso não é engraçado, né? A vida das pessoas?”

“Por que você não vai fazer enfermagem?”, Seamus disse, rude.

“Jesus”, Oliver disse. “Talvez você odeie mulheres *mesmo*.”

O pescoço de Seamus esquentou com a insinuação. Aquilo não dizia respeito a *mulheres*. Não se tratava de *feminismo*. Estava relacionado a uma ética vazia e falsa na arte. Arte ruim não tinha nada a ver com gênero.

“Porque eu odeio generalizações preguiçosas?”

“Faz o que você quiser, cara. Você é determinado, eu sei. Mas não vai estranhar quando a coisa explodir na sua cara”, Oliver disse. Sem exaltação. Sem malícia. Mas isso só fez Seamus se sentir pior. A resignação.

A água espumava na margem próxima às escoras da ponte. Algumas garrafas de plástico presas ali se enchiam lentamente de lodo. Seamus agachou para pegar umas pedras. Ele as arremessou no meio do rio, e todas desceram escuras e irrevogáveis.

“Eu não sou um monstro”, Seamus disse. “Apesar da sua insinuação.”

“Eu não acho que você seja um monstro. Como eu disse, você é determinado. Eu só não entendo seus motivos.”

“Valeu, amigo.” Seamus limpou a areia das pedras na jaqueta de Oliver. “Agradeço o apoio.”

“Bom, eu sou seu amigo. É por isso que estou tentando te convencer a não ser um idiota. Pelo seu bem.”

“Claro, o idiota sou eu.”

“Seria legal se você não jogasse isso em mim.”

“Seria legal se você tivesse algum senso de humor!” Seamus deu um soco rápido e forte em Oliver e saiu correndo pela trilha. Os passos dele eram ligeiros e suaves, mas Oliver era mais alto e suas pernas devoraram a distância entre eles. Logo Seamus teve de desacelerar e começar a recuar. Ele tentou segurar a vontade de tossir e limpar o catarro dos pulmões, mas acabou curvado, as mãos nos joelhos, expelindo um escarro amarelado no concreto. O catarro ficou preso na garganta dele e então saiu queimando.

Ele tinha que parar de fumar.

Oliver deu três tapas fortes entre os ombros dele e cada um coloriu as pálpebras escuras de Seamus de vermelho e azul. No último, o mais forte, ele sentiu que respirava livre e abriu os olhos.

Penitência.

Seamus trabalhava nos turnos diurnos e noturnos da cozinha da casa de repouso — sopas e caldos, picar e descascar, merdas desse tipo. Ele havia conseguido o emprego assim que chegou em Iowa City porque, diferente de Oliver e de algumas colegas de turma, ele não tinha uma *boa* bolsa de estudos, e os brutamontes da não ficção do outro lado do rio tinham pegado para eles todos os financiamentos da retórica e da composição. A diretora olhou para Seamus com uma piedade sonolenta. “Às vezes nossos alunos conseguem encontrar trabalho na região”, ela disse em um tom que deve ter imaginado que ajudaria. “Uns bicos para complementar.”

Ele conhecia bem aquela palavra, *complementar*.

Na Brown, entre os menos talentosos dos mais ricos, sua bolsa mal dava para a mensalidade. Suas outras necessidades se multiplicavam no escuro como alguma espécie invasora e predatória: livros, refeições, sabonete líquido, xampu, pasta de dentes, lavanderia, sua parte do aluguel da geladeira do dormitório, o próprio dormitório, cadernos e lápis, taxas de tecnologia, taxas de recreação. Incrível que, em uma faculdade, mesmo as amenidades mais básicas eram consideradas luxos e, portanto, ficavam por sua conta. Seamus demorou muito tempo para juntar o dinheiro para as provas de admissão, um dinheiro que ele ganhou fazendo bicos em padarias e cortando grama. Mas a quantia não seria suficiente para a faculdade. Eram necessidades demais.

Então, na graduação, o que complementou a bolsa de estudos não foi a redação de documentos ou as tarefas acadêmicas burocráticas nos escritórios dos departamentos (o corpo docente não gostava dele), mas os turnos na cozinha sinistra de um hospital em Providence. As mulheres simpatizaram com ele, ensinaram os ritmos do preparo de comida para dezenas, centenas de pessoas. Ele aprendeu os meandros da escala e do consumo para grandes quantidades, e quando havia sobras — e sempre havia sobras — ele levava para casa e estocava. Quando precisava de um trabalho rápido, procurava cozinhas de hospitais. Estavam sempre contratando. As pessoas estavam sempre se demitindo, pois não havia outra escolha a não ser contratar gente desesperada, cansada, necessitada que já tinha sido moída por um carrossel de trabalhos de merda. Essas cozinhas eram os lares de usuários de drogas, ex-detentos e senhoras — pessoas que jamais poderiam pagar pelo atendimento nos hospitais onde trabalhavam.

Seamus se dava bem nesse tipo de trabalho. Ele gostava de cozinhar e sentia, de uma forma não muito diferente de quando escrevia poesia, uma afinidade pelas horas longas e repetitivas, necessárias para fazer qualquer coisa minimamente boa, e pelo tedioso trabalho de preparação. Ele se sentia melhor quando estava sozinho na cozinha no fim de um longo dia, descascando e picando vegetais ou preparando o caldo para as sopas da semana. A constância do cozimento lento. Sozinho em uma cozinha, ele estava em paz. Não exatamente livre para vagar em devaneios, mas existindo em um estado de ausência de pensamentos. Nada podia incomodá-lo.

O céu ainda ficaria azul por um bom tempo, então ele pensou em passar na casa de repouso para ver se conseguia umas horas na cozinha que ajudariam com as contas do mês. Ele se perguntou como

as pessoas com famílias conseguiam sobreviver arcando com os custos de um aluno da pós-graduação. Ele lembrou de um cara que conhecia no departamento de literatura, Gerard, que tinha duas crianças pequenas e uma esposa.

Gerard estudava um negócio inútil, alguma coisa como poesia medieval e forma, e a esposa dele cuidava das crianças. Às vezes, Seamus os via na esquina da igreja St. Mary na fila da distribuição semanal de alimentos. A academia era o cúmulo da tolice. Você se afundava e afundava em dívidas, em desespero, passava fome, só para se sentir um pouco especial, ligeiramente brilhante no seu cantinho escuro do universo, sabendo de uma coisa que ninguém mais sabia. A arte valia muitas coisas, mas valia a pena pôr sua família inteira à beira da extinção? Seamus não entendia a lógica de Gerard. Ele amava poesia, mas nem sempre conseguia conciliar a poesia com as necessidades essenciais da vida.

Por exemplo, se ele tivesse família e responsabilidades, não tinha certeza se escolheria a poesia no lugar delas. E, nesse caso, se ele pudesse pensar em um conjunto de circunstâncias que justificassem desistir da poesia, para que se dar ao trabalho? Isso o fazia perder o sono, se perguntando se lhe faltava a determinação para ser o poeta que queria ser. Mas então Seamus lembrava que era só mais um homem branco no mundo refletindo a respeito da extinção da poesia, que havia sobrevivido ao fim do mundo incontáveis vezes. A poesia sobreviveria a qualquer apocalipse contemporâneo que ele pudesse fantasiar. A poesia não precisava dele. E certamente não precisava dessas elegias acerca da sua morte. Era uma ilusão, ele sabia. A ilusão de todas as pessoas cujas vidas tinham sido tocadas pela poesia de que,

de alguma forma, a poesia precisava delas para continuar existindo. Mas não precisava.

Poetas. Deus, malditos poetas.

A casa de repouso era uma residência de dez quartos em um terreno enrelvado nos arredores da cidade. Ali costumava ser a parte boa da cidade, mas agora era um lugar povoado por alguns comércios, cinco farmácias, um centro de diálise, um banco de sangue, um lugar para descontar cheques e três lanchonetes fast food. Havia um condomínio de apartamentos, uma fileira de prédios de pedra clara dispostos um atrás do outro ladeando a rua. Do outro lado, as colinas úmidas e íngremes eram pontilhadas por árvores, casas brancas e trailers em caminhos de cascalho. A casa de repouso já tinha sido lar de uma família antiga de Iowa City, que morreu em algum momento depois da Segunda Guerra. Os herdeiros, primos distantes de New Hampshire, não a quiseram, pois ficava longe, era velha e incidiam muitos impostos sobre ela. Eles se livraram da propriedade a vendendo para uma empresa que foi comprada por uma outra empresa que foi comprada por uma outra empresa. A casa passou por uma série de grupos de fachada, foi absorvida e desmembrada até ser comprada por uma organização nacional que transformava imóveis velhos em centros de cuidados e casas de repouso para idosos e enfermos. A ideia era que as pessoas não deveriam ser abandonadas sozinhas em depósitos como móveis velhos que ninguém mais queria, que mereciam morrer com alguma lembrança de conforto humano.

Na casa de repouso, Seamus percebeu, os residentes gostavam de falar sobre animais extintos. Tartarugas e mamíferos obscuros, pássaros e anfíbios, peixes. Eles mantinham a cabeça ocupada enumerando todas as criaturas que tinham deixado de existir.

Algumas enfermeiras tentavam impedir, julgando mórbido demais, mas os residentes não se convenciam. Reunidos na longa mesa da cozinha ou nos jardins do fundo durante as refeições, os residentes discutiam o declínio da especiação entre colheradas de papa e respingos de água que voavam dos copos de plástico. Isso os animava da mesma forma que encontrar uma bala esquecida no bolso ou receber uma ligação dos filhos, sobrinhos e sobrinhas. Pequenas explosões de prazer.

Seamus costumava ouvir as conversas por alto em busca de fatos estranhos para depois contar para Oliver. Por exemplo, ele sabia que temperaturas mais altas no inverno explicavam o aumento das doenças transmitidas por carrapatos? E que a migração de cervos da Costa Leste para o oeste estava causando uma migração da doença de Lyme, além da morte de freixos e cedros? Estava tudo conectado em uma rede complexa. Carrapatos, cervos, árvores e o calor dos dias curtos de inverno.

Na primavera, eles plantavam flores e vegetais nos fundos. No outono, os residentes se dividiam em turnos para varrer as folhas secas. Verificar o potencial de compostagem do solo. Cuidar da pequena família de cervos que vivia no bosque. Os residentes dali eram ativos, passavam os dias em movimento. Tinham um motivo para sair da cama de manhã. Mesmo que tudo não passasse de uma ilusão altamente orquestrada e cuidadosamente controlada.

No andar de cima, eles sofriam. Nos quartos escuros, eles deitavam em camas hospitalares enquanto as enfermeiras secavam o suor e limpavam o vômito e a merda deles. Eles tremiam e gemiam, os ossos enfraquecidos e os músculos atrofiados. Todos eram muito otimistas quando chegavam no começo. Veja como é bonito. Olha só, você vai

ter uma vista para aquelas árvores. Quase não parece que você está no East Side. Ah, olha só, há patos no lago. Todos os dias acontece um encontro do clube de tricô. Uma vez por mês, um grupo de crianças aparece para leituras e oficinas de artesanato. Uma civilidade agitada oferecida ao deus da morte em troca da ilusão de que aquele intervalo era apenas uma folga temporária, que a vida em breve seria retomada. Mas isso não durava. Alguns se recuperavam, participando dos projetos diários da casa de repouso: o jardim, a composteira, os cervos, a observação dos pássaros, o tricô, os artesanatos. Outros, não. Alguns sentavam perto da janela e esperavam. E então morriam.

Na casa de repouso, Seamus apoiou a bicicleta na parede lateral do jardim e subiu os degraus até a entrada. O rádio de Eunice tocava Chet Baker enquanto ela limpava e inspecionava um carregamento de cogumelos de produtores locais. Seamus bateu as botas no batente da porta.

“Você não trabalha hoje.”

“Fui liberado mais cedo.”

“Espero que não esteja matando aula.”

Seamus ergueu as mãos, alegando inocência. “Pode me revistar, sargento. Estou limpo.”

Eunice acenou. “Você pode ajudar com a sopa.”

“Que elegante”, ele disse.

“Capricha do jeito que você sabe.”

Seamus se inclinou sobre a mesa de Eunice e fingiu inspecionar o trabalho dela com os cogumelos. Ela tinha gota no joelho esquerdo e reclamava dos tornozelos inchados. Sentava em um banquinho para fazer esse trabalho inferior, mas meticoloso. Passando a escovinha

pelos chapéus e pelas lamelas macias dos cogumelos-ostra. Os morels pareciam saídos de um conto de fadas.

“Muito bem”, ele disse.

Eunice deu um tapa nele. “Cai fora.”

Ele encontrou Lena no balcão, picando legumes. Ela já passava dos quarenta, mas tinha braços magros e um rabo de cavalo curto que Seamus associava com meninas do ensino fundamental. O cabelo dela era tingido de castanho-avermelhado e as raízes eram pretas. Lena olhou para ele, os olhos verdes lacrimejantes, e abriu um sorriso, mostrando as crateras acidentadas da gengiva, os dentes faltando no lado direito da boca.

“Sopa”, ele disse.

“Você sabe que eu odeio essa merda.”

Seamus lavou as mãos e pendurou um pano seco no ombro. Lena se inclinou para o lado e viu Seamus analisando o péssimo trabalho que ela tinha feito picando os legumes.

“Você cortou o alho muito antes”, ele disse. “Já vai ter soltado todo o aroma antes da panela esquentar.”

“Eu só faço o que essa coisa me diz pra fazer”, ela disse, balançando o celular. Era o PDF que Seamus tinha baixado ano passado nos celulares das duas, quando começou a trabalhar ali — um arquivo com receitas e ideias de preparos para os moribundos e quase mortos. Eunice disse que fazia mal para os olhos dela, então Seamus imprimiu uma cópia em letras bem grandes. Lena era boa com celulares, embora não tivesse nenhuma noção do senso de ordem intrínseco de uma receita. Ela tendia a querer fazer tudo logo de cara para depois repetir o passo a passo. Lena conseguia seguir a receita, mas não conseguia —

ou pelo menos não queria — entender o que as instruções queriam dizer.

“Tudo bem.”

Com a mão, Seamus despejou o alho pegajoso e mal picado da tábua para uma tigela de metal usada para a compostagem, adicionando as cebolas e as cascas que Lena havia trucidado. Ele descascou novas cebolas e passou a faca nelas com um movimento preciso. Seamus amava essa primeira mordida da faca na substância úmida dos ingredientes. Ele podia sentir, naquele exato momento, o gosto final do prato. Era só uma cebola, mas cortá-la ao meio o fazia se sentir mais próximo de si mesmo.

Os cortes pequenos, paralelos e então perpendiculares, para que os cubos rendessem. O azeite quente na panela até estalar. O chiado das cebolas e do salsão. Misturar até que se assentem, transpirem. O rádio de Eunice na entrada, o trompete perfeito e puro de Chet Baker, a melancolia da música emergindo até eles da escuridão.

A frustração do seminário o deixou. Na casa de repouso, ele estava livre de toda aquela merda. Havia apenas ele e as cebolas caramelizadas. O alho descascado com destreza e amassado depois de um golpe forte com a faca. Seamus o divide com a lâmina e não o deixa ficar muito pegajoso. O cheiro instantâneo de alho, doce e pungente. Dentro da panela com as cebolas e o salsão.

Seamus abriu uma lata de tomates San Marzano e molhou os dedos no suco espesso. Ele gostava do gostinho metálico. Coou e amassou os tomates com a colher de pau. O chiado dos vegetais na panela se intensificou, então ele adicionou o caldo de cogumelos que havia preparado semana passada. O caldo abafou o chiado e tirou os vegetais do contato com o fundo da panela. Ele deixou tudo em fogo

baixo. Então foram adicionados os tomates, amassados como tartare. E, por fim, o arroz. Ele adicionou um pouco do suco da lata. Sal. Só umas pitadas de açúcar.

Lena o observava durante o processo inteiro. “Eu teria jogado toda essa merda na panela e pronto”, ela disse.

“É, tá bom. Você meio que faz isso. Mas tem uma ordem. É importante.”

“Sua mãe te ensinou isso?”

“Não.”

“Ela não cozinhava pra você?”

Seamus tampou a panela.

“Vou lavar a louça.”

“Aposto que ela gostava de ter você perto. Cozinhando e tal.”

Seamus empilhou a louça do almoço na bancada e juntou o que ele havia sujado preparando sua receita. Ele deixou a água quente cair na pia funda e ensaboou as tigelas, os copos. Os pratos. As panelas. Até os cotovelos na água ardente.

Não, sua mãe não cozinhava para ele. Quando pensava nela, com a vantagem e generosidade da idade adulta, Seamus entendia que ela sofria de dores de cabeça debilitantes. Ela passava os dias deitada na cama. O pai dele trabalhava com construção, quebrando tijolos e asfaltando estradas no verão para, no inverno, poder ser um ator ruim em turnê pelo Meio-Oeste em pequenas produções de *Hamlet* e *Otelo*. Na maioria delas, ele interpretava Iago, mas em algumas era o pai de Desdêmona.

Certa noite, o pai dele caiu de mau jeito durante um ensaio técnico e quebrou o pé. A fratura não cicatrizou direito ou algo do tipo e houve uma infecção. O pai dele perdeu o pé esquerdo. E alguns dedos da mão.

Ele quase morreu de sepse. Por algum motivo, a mãe dele se culpou pela lesão e pelas complicações que se seguiram. Ela disse que eles o tinham abandonado — que não foram atentos o bastante, que não cuidaram do machucado como deveriam. Ela se culpou porque não conseguia sair da cama, e culpou Seamus porque, bem, como ela não conseguia levantar, era tarefa dele amparar o pai. E pelo visto ele não ajudava o suficiente.

A mãe dele amava mais o marido do que o filho. Os dois passavam a maior parte do tempo no hospital, ao lado da cama dele. Seamus faltou duas ou três semanas na escola e repetiu de ano. O pai dele, então com uma deficiência, ficou gordo e brigão.

Com uma maldade inocente, Seamus pensava que, se fosse outro tipo de escritor, um escritor cafona, ele poderia escrever sobre *aquilo*. O cheiro do pé apodrecido do pai. A luminosidade e a monotonia simultâneas da sala bege do hospital onde o pai fazia reabilitação, observando-o se prender em próteses de plástico que beliscavam e mordiam. Ou esticar os nós mutilados dos dedos o máximo que podia, e a raiva nos olhos dele quando se dava conta de que não podia mais cumprir essa simples tarefa. A janela da sala de reabilitação dava para um pequeno jardim com um cedro. Seamus passou um bom tempo olhando para aquela árvore enquanto o pai xingava, abrindo e fechando os velcros das próteses temporárias. Ou ele poderia escrever sobre o cheiro dos comprimidos nos frascos, como o de sal marinho e toda essa merda.

Uma vez, a pedido dele, Seamus passou pomada na perna do pai. Ele espremeu o creme oleoso e branco nos dedos. Passou-o na pele amarronzada e remendada. Seamus recuou, surpreso. Havia pensado que a carne ali estaria morta e fria, mas em vez disso o pai era quente e

levemente peludo. A finura da pele, a qualidade tépida e fibrosa do músculo embaixo, o formigamento estático de algo vivo. Vividamente, dolorosamente vivo. O pai rosnou.

“Você não faz nada direito”, disse ele.

“Desculpa”, Seamus disse, “desculpa.”

“Sai daqui. Pode ir.”

Ele poderia escrever sobre o verão em que foi mandado para a casa dos avós na Pensilvânia. A casa escura no meio de um terreno de grama amarelada, como se a terra não estivesse disposta a acreditar que a primavera havia chegado, e então o verão. Tudo a respeito da casa na Pensilvânia era frio e meio eclipsado.

Os avós eram tão educados com ele que chegava a estranhar. Eles tomavam seu café da manhã amargo e comiam o almoço frio. No jantar, serviam tortas estranhas feitas com vísceras e outras coisas. A casa cheirava a vinagre e formol. Eles não falavam muito com Seamus, que passava a maior parte do tempo sozinho lendo. Quando voltou para a casa dos pais, ele estava mais alto e mais pálido. Os pais dele pareciam ter sido consumidos pelo fogo da raiva, da dor e da tristeza, sobrando apenas a carcaça.

Mas ninguém desfrutou de uma infância feliz. Ninguém teve uma vida boa. A dor humana existia em grandes quantidades, e as pessoas se serviam dela como grãos em um celeiro. Havia dor para você, você e você — agonia suficiente para todos. A origem da dor da infância dele era tão ordinária que chegava a envergonhá-lo. Talvez fosse isso o que Seamus ressentia no trabalho dos colegas. Não que a vida deles fosse pior que a dele ou que a dele fosse melhor que a dos outros, mas que todos sofriam da mesma dor, dos mesmos traumas, e Seamus achava que ninguém devia sair por aí fingindo que isso era mais do que era: a

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vidas tardias"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).